CORPO E MOVIMENTO NA ESCOLA

SEVERINA ENEIDA DA SILVA

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir os apontamentos dos teóricos estudados durante a U. C. 'Cultura Corporal na Escola'. Iremos estudar as práticas escolares das aulas de Educação Física, como se dá essa prática, o que se ensina aos alunos, como é desenvolvida as aulas e qual a concepção que os professores têm acerca da sua disciplina.

Também abordaremos a relação entre natureza e cultura, a internalização das práticas sociais e a influência que as interações entre indivíduos exercem sobre nós. Como somos constituídos? Como nos desenvolvemos? Como se dá as nossas relações?

Após essa discussão, trataremos também sobre o papel que a escola exerce sobre os alunos. Qual a função da escola? Será apenas a transmissão de conhecimento? Mas que conhecimento é transmitido já que os alunos trazem uma bagagem de seu cotidiano?

Todas essas questões serão discorridas com base em autores tais como: Young (2007),

Daolio (1995), Sanches (2011 e 2015), Ferreira & Falkemback (2012) e Brasileiro & Marcassa (2008), entre outros.

DESENVOLVIMENTO

Umas das primeiras indagações que fizemos no início desta Unidade Curricular foi a respeito das práticas escolares de Educação Física durante nossa trajetória pelo Ensino Fundamental. Uma das maneiras de mexer o corpo na escola era por meio de exercícios físicos, ginásticas, jogos de circuito, campeonatos, e a Fanfarra. E, algo que foi ressaltado pela turma era que muitas atividades eram separadas por gênero, bolas para meninos, e cordas para meninas.

A partir da implantação da L.D.B. nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), as aulas de Educação Física começaram a tomar um novo encaminhamento. Passaram a ser consideradas como parte do componente curricular obrigatório da Educação Básica. Ou seja, surge uma preocupação em torno do aluno, corpo e movimento.

Na sociedade contemporânea o que temos visto é um discurso hegemônico sobre o corpo como sendo um "santuário do músculo, como modelo de perfeição", e infelizmente isso é aceito universalmente (BRASILEIRO & MARCASSA[1], 2008, p.196).

As aulas de Educação Física de modo geral têm utilizado apenas um conteúdo (esportes coletivos) durante todo o ano letivo. Com esta monocultura os educandos deixam de vivenciar e aprender outras atividades também importantes para o seu desenvolvimento integral. As autoras apontam para a necessidade de reconhecer as práticas corporais como riquezas culturais e bens socialmente produzidos.

Daolio (1995) utiliza o olhar da Antropologia Social para analisar as práticas de Educação Física em escolas da cidade de São Paulo. Pauta-se pelo estudo do homem nas suas relações sociais, entendendo-o como construtor de significados para as suas ações no mundo. Conforme Laplantine (1988),

A antropologia nada mais é do que um certo olhar, um certo enfoque, que consiste em estudar o homem inteiro e em todas as sociedades, sob todas as latitudes, em todos os seus estados e em todas as épocas. [...] trata-se de estudar o homem em todas as suas práticas e os seus costumes (apud DAOLIO, 1995, p. 23).

O comportamento do indivíduo, sua maneira de agir, pensar e se expressar dar-se-á a partir da sua interação com o meio social em que vive. A natureza humana é fruto da relação entre natureza-cultura. Embora sejamos semelhantes biologicamente, fomos e continuamos sendo construídos diferentemente de acordo com cada sociedade, a qual destaca e valoriza determinadas formas de uso do corpo ou determinados movimentos corporais, segundo os padrões gerais da cultura. A cultura corporal é por nós internalizada e naturalizada inconscientemente. Assim,

É a partir da concepção de que o homem possui uma natureza cultural e de que ele se apresenta em situações sociais específicas que se chega à ideia de que o que caracteriza o ser humano é justamente a sua capacidade de singularização por meio da construção social de diferentes padrões culturais (DAOLIO, 1995, p. 36).

Todo homem, mesmo que inconscientemente desse processo, é portador de especificidades culturais no seu corpo. Tornar-se humano é tornar-se individual, individualidade esta que se concretiza no e por meio do corpo (DAOLIO, 1995, p. 36).

Segundo Wallon, o organismo é considerado um sistema aberto, inacabado e dependente do outro e seus relacionamentos reais com o mundo. A influência do ambiente lhe fornece material para que sua linguagem e seu pensamento evoluam permitindo assim a nossa humanização. O desenvolvi-

mento humano não é fragmentado, mas que corpo, pensamento e emoções se integram mutuamente, fazendo parte integral do ser.

A vida psíquica é desenvolvida em etapas denominadas estágios. Estes se estabelecem através de equilíbrios entre a criança e o meio e é rompido por alguma novidade, sendo reconstruído não por acréscimo, mas por reorganização. Para Wallon a construção do eu depende essencialmente do outro, seja para ser referência ou para ser negado.

A consciência não emerge sozinha, mas em conjunto com o outro através das reações sociais que permitem o processo de objetivação do eu, enquanto promove a submersão do outro. O eu não se constitui de uma vez, mas de acordo com a idade, com o calendário maturativo, com as disposições individuais e com as circunstancias (apud SANCHES, 2011, p.103-104).

Falar de corpo requer um olhar mais aguçado, pois é algo que não é fixo e que está em constante construção. Falkembach (2012) afirma que "corpo significa que é parte interdependente do processo coevolutivo da natureza e da cultura, inserido num campo cultural historicamente datado e construído por técnicas formativas". Além disso, corpo também é "processo de cognição e de produção, o qual se constitui na complexa rede de trocas de informações, de relações dinâmicas entre o sujeito como meio e com outros sujeitos" (p. 60;61). Assim, corpo deve-se estar em constante transformação, reinventando-se, relacionando-se e modificando-se.

Além de semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que

cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, definindo de maneiras variadas o que é corpo. É no corpo que "estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, principalmente por ser ele [o corpo] o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca" (DAOLIO, 1995, p. 39). Na prática escolar vemos muito bem essa incorporação da cultura.

O corpo nas aulas de Educação Física é tido com foco no esporte e até mesmo no treinamento visando a formação de equipes para campeonatos, no qual há uma diferenciação e consequentemente exclusão dos mais habilidosos dos menos habilidosos, dos que "levam jeito" para os que "não levam jeito", dos melhores dos piores. Essa lógica excludente pertencente ao ambiente da Educação Física só ressalta a quão competitiva e normatiza é.

Conforme discutido em algumas aulas, o corpo e o movimento são vistos como desprovidos de educação, assim a Educação Física estaria cumprindo a sua função educativa na medida em que ensinasse determinados valores e comportamentos sociais aos alunos. O corpo é compreendido como matéria-prima que precisa ser lapidado, cuidado, preservado, alimentado, para ser conservado em bom estado; o qual é necessário impor objetivos e ensinamentos a fim de conduzi-lo à ordem social. Sendo assim, o que se nota é que os professores desconsideram o repertório corporal que as crianças possuem antes de entrar na escola. E, ao considerar os movimentos corporais das crianças como não-técnicos, os professores entendem esses corpos como desprovidos de cultura, fazendo parte da ordem da natureza. Seria papel desses professores a formação do cidadão.

Os professores ensinam uma série de movimentos aos alunos, objetivando a incorporação por parte destes de um conjunto de técnicas que deverão ser capazes de torná-los mais adestrados e, ao mesmo tempo, mais socializados, com maior capacidade de enfrentamento do mundo (DAOLIO, 1995, p. 82).

A grande dificuldade histórica desta disciplina está em pensar a diferença, ou seja, aquilo que destoa de uma expectativa universal do comportamento corporal. Portanto, "a diferença não pode ser pensada como inferioridade, porque o que caracteriza a espécie humana é justamente uma capacidade de se expressar diferenciadamente" (DAOLIO, 1995, p. 100). Reconhecendo a alteridade de seus alunos garante-se o direito de todos à prática.

Sanches (2011) afirma que a função social da escola é de promover a evolução intelectual de seus alunos e a objetivação de sua consciência (p. 104). O papel do professor e do conteúdo escolar é decisivo e comprova a natureza social e cultural do desenvolvimento das funções superiores, esse pensamento pressupõe que o professor tenha autonomia sobre o seu trabalho e que esteja empenhado em promover a formação de seus alunos.

Young (2007, p. 1292) afirma que as classes dominantes e subordinadas têm tentado usar as escolas para atingir os seus mais diferentes objetivos. Mas, se a escola é um agente de transmissão de conhecimento, que tipo de conhecimento é transmitido? Para fins educacionais, há tipos de conhecimento que são considerados mais valiosos que outros, e é assim, por meio de conhecimentos diferenciados que há a diferenciação entre conhecimento curricular ou escolar e conhecimento não-escolar.

Há distinção entre duas ideias de conhecimento apresentadas pelo autor. O

"conhecimento dos poderosos" é definido por quem detém este conhecimento, no caso a elite. Enquanto que o "conhecimento poderoso", refere-se a um conhecimento realmente útil, especializado, científico, apresentado por meio de um currículo pré-estabelecido e por relações de autoridade, no qual professor e aluno possuem lugares dis-

tintos no processo. É e isso que os pais esperam, ainda que inconscientemente, quando fazem sacrifícios para manterem os filhos na escola; que eles possam adquirir o conhecimento poderoso que não está disponível em casa. Para distinguir o conhecimento escolar do não escolar é necessário analisar se o mesmo depende ou não do contexto. O conhecimento que depende do contexto, desenvolve-se na resolução de problemas específicos do cotidiano, em coisas específicas, empíricas e práticas. Enquanto que no conhecimento que independe do contexto ou o conhecimento teórico, é desenvolvido para fornecer generalizações e buscar universalidade; é este tipo de conhecimento, que é adquirido na escola, a que Young se refere como sendo o conhecimento poderoso.

Por fim, Young responde a sua questão inicial afirmando que as escolas "capacitam ou podem capacitar jovens a adquirir o conhecimento que, para a maioria deles, não pode ser adquirido em casa, ou em sua comunidade, e para adultos, em seus locais de trabalho" (p. 1294). Para isso, a escola precisa considerar a base de conhecimento do currículo. Deste modo, o currículo deve "levar em consideração o conhecimento local e cotidiano que os alunos trazem para a escola, mas esse conhecimento nunca poderá ser uma base para o currículo" (YOUNG, 2007, p. 1299). Porque,

[...] para crianças de lares desfavorecidos, a participação ativa na escola pode ser a única oportunidade de adquirirem conhecimento poderoso e serem capazes de caminhar, ao menos intelectualmente, para além de suas circunstâncias locais e particulares. Não há nenhuma utilidade para os alunos em se construir um currículo em torno da sua experiência, para que este currículo possa ser validado e, como resultado, deixá-los sempre na mesma condição (YOUNG, 2007, p. 1297).

A função do professor é ajudar o aluno a aprender, a fazer relações, reflexões, a organizar seu pensamento, a ler o mundo, a pronunciar o mundo. E é na dança que é possível ler e pronunciar o mundo por via dos movimentos do corpo, expressando a

"linguagem da vida". É por meio da dança que nós desenvolvemos emocional e cognitivamente, além da nossa própria capacidade de aprender.

A arte tem o poder de nos levar além do ciclo inevitável da sobrevivência. Ela nos possibilita existirmos de outras formas, para além das necessidades de comer, dormir [...]. Ela nos proporciona a certeza de que somos seres refinados e especiais, capazes de ir além da simples reprodução material [...]. (BERTAZZO, 2011, p. 11 apud FALKEMBACH, 2012, P. 67).

Qual a proposta a ser desenvolvida com os alunos? Criação de movimentos, de processo criativo e improvisação. Como professores devemos privilegiar os movimentos que as crianças inventam e nos apresentam, e trazer elementos que os desafiem para ir além, para que possam desenvolver tanto pessoal como em grupo, com consciência sobre seu corpo e sobre o mundo. Para isso, é necessário que aprendamos a perceber cada aluno, seus hábitos de movimento e ser criativo, para construir experiências que vão além das vivenciadas no cotidiano. Tudo isso implica sensibilidade, percepção e criatividade.

Desse modo o corpo não pode ser pensado separado da mente ou dos nossos sentimentos, devido ao fato de sermos um ser integrado por essas dimensões e o corpo consolida nosso estado emocional e psíquico.

Nas crianças, a integração entre as dimensões afetiva, cognitiva e motora é muito perceptível, pois elas brincam, pulam, falam, entre outras. Por isso o trabalho pedagógico com crianças deve ser integrado.

Para tratar o movimento, Wallon (1979 apud SANCHES, 2015, p. 8) recorre ao estudo do músculo responsável por sua execução, advertindo para a existência de duas funções: uma

chamada de cinética, responsável deslocamento do corpo; e a outra, é a função postural, que regula o grau de tensão do músculo, responsável pela sustentação da posição do corpo.

A função tônica é a que imprime a expressividade do movimento, por isso "o movimento está intimamente ligado às emoções, acompanhando suas ondulações e possibilitando a expressividade da pessoa" (SANCHES, 2015, p.8). Mesmo na ausência de deslocamento, a musculatura encontra-se em atividade intensa para dar sustentação a determinada modulação e expressão do corpo.

Devido ao fato da cognição, emoção e motricidade estarem integradas para se atingir o controle voluntário dos movimentos, é preciso explorar a fala. Para isso é necessário fortalecermos condutas mais refletidas, sendo assim, as condutas mais emotivas tendem a ficar mais controladas. Ao expandir o vocabulário, nomear diferentes objetos, distinguir seus sentimentos, construir frases complexas, a criança vai se conhecendo melhor, conhecendo seus limites, e pensando antes de agir.

Por isso é muito comum na Educação Infantil crianças usarem a mordida como modo de se expressar em disputas por espaço ou por um brinquedo, por exemplo. Com a ajuda do educador as crianças tendem a verbalizar essa ação dizendo: "não gostei!". Esse é um grande desafio a ser proposto pelos educadores: "ajudar as crianças a passarem de uma movimentação involuntária para

uma movimentação voluntária e intencional" (SANCHES, 2015, p.10).

O corpo é o meio de comunicação empática com o mundo, praticante ativo e permanente do processo de sociabilidade, da produção material simbólica e das experiências culturais. A escola, portanto, deve fornecer novas referências que permitam sair da visão útil de conhecimento possibilitando o entendimento de produção cultural a fim também compreender e avaliar, para aceitar ou não os novos processos e produções postos na sociedade (BRASILEIRO & MARCASSA, 2008, p. 197).

Pensando nesse corpo que interage o tempo todo através da fala e do movimento o educador pode propor atividades a partir do repertório anterior da criança, através da exploração dos espaços onde ela está inserida: a sala, o parque, o pátio. Segundo Sanches (2015) estes espaços podem ser usados segundo três aspectos: sentidos (para frente, para trás, em cima, embaixo, esquerda, direita), forma (linear, circular, ondulado) e planos (alto, baixo...). As manifestações culturais produzidas pela humanidade como o teatro e dança, devem e podem ser exploradas no ambiente escolar, não de forma mecânica.

Através da dança pode-se possibilitar tanto o conhecimento de si como do mundo, devido ao fato dessa ser formada por quatro elementos: o interprete (quem dança), o movimento (o que faz), o som (som do próprio corpo ou do ambiente) e o espaço (onde faz).

O teatro, segundo Spolin (2010 apud SANCHES, 2015) assim como a dança, possibilitam o conhecimento de si e do mundo, desse modo o jogo teatral possui três elementos: onde (é o lugar onde se passa a cena), quem (o que faz a cena, o personagem) o quê (o que o personagem faz, a ação).

As crianças na Educação Infantil sem se darem conta brincam de teatro o tempo todo através das brincadeiras de faz-de-conta onde interpretam vários personagens, elaboram o que cada um faz, onde se passa essas cenas.

Cabe ao educador explorar essas brincadeiras através de ações que envolvam diversas linguagens como: as plásticas (cenários, figurinos, adereços, iluminação e imagens); as sonoras (ruídos, música, vozes); a verbal (textos, letras de músicas) e cinestesia (o corpo do ator e seus movimentos, gestos e ações no espaço tempo).

Através do teatro da dança há muitas dimensões corporais de aprendizagem relacionadas as linguagens corporais que são oferecidas através dos gestos, pelo ato de movimentar-se e de expressar-se, que dificilmente podem ser descritas ou relacionados.

CONCLUSÃO

A partir das discussões propostas nas aulas e embasadas nos artigos estudados, podemos concluir que o corpo não é algo meramente biológico, mas é construído a partir das interações sociais que vivenciamos, ou seja, é uma relação entre natureza-cultura. Assim, há valores, comportamentos e hábitos valorizados pela sociedade e internalizados inconscientemente por nós, sendo universalmente aceitos.

A prática da Educação Física em ambientes escolares não pode ser vista apenas como meio para esportes coletivos ou destinada apenas a idealização de corpos perfeitos e sadios. É importante ressaltar e compreender as singularidades dos nossos alunos, como também suas limitações e interesses. As aulas precisam ir muito mais além do que jogos e preparação para campeonatos, deve incorporar novas práticas do trabalho com o corpo, como o teatro e a dança.

A ginástica e a dança são manifestações da cultura corporal que hoje integram o universo das linguagens artísticas contemporâneas, compondo [...] um denso registro de saberes, gestos, sentidos e significados que, de alguma forma, exprimem e permeiam a realidade complexa que vivemos (BRASILEIRO & MARCASSA, 2008, p. 200).

Cabe ao educador como mediador do conhecimento colocar a dança e o teatro dentro da sala de aula, como forma de expressão da realidade, como uma linguagem viva e rica. É por meio destas que o aluno passa a ter conhecimento de si e do mundo. Dessa forma, é possível integrar novos saberes e competências expressivas como uma forma de manifestação desses corpos no espaço em momentos de interação e autoconhecimento. "O campo da dança percebe e conhece o ser humano em movimento, em ação, em relação. É um modo de conhecimento complexo que também se expressa pela via do movimento" (FALKEMBACH, 2012, p. 67).

Sendo assim, na escola, a Educação Física deve explorar tudo aquilo que se refere ao corpo humano, o seu movimento, as práticas corporais e especificamente as linguagens corporais.

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, L. T. & MARCASSA, L. P. Linguagens do corpo: dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e da dança. Revista Pro-Posições, v. 19, n. 3 (57), p. 195- 207, set./dez. 2008. Disponível em: http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/57-artigos-brasileirolt_etal.pdf.

DAOLIO, J. Da cultura do corpo. Campinas, SP: Papirus. 1995.

FERREIRA, T. & FALKEMBACH, M. F.. Teatro e Dança: anos iniciais. Porto Alegre: Mediação. 2012.p. 59 a 135.

SANCHES, M. C. Fundamentos teóricos a serem considerados na organização do trabalho pedagógico. IN: TEIXEIRA, C.; SCHWANTES, R. Organização do trabalho pedagógico: múltiplos olhares. São Leopoldo: Oikos. 2011. P. 100 a 111.

BERTOMEU, JOÃO CEGATO. Corpo e movimento na escola. IN: BRASIL. Universidade Federal de São Paulo. Curso de aperfeiçoamento em Educação Infantil, Infâncias e Àrte. COMFOR. 2015. Módulo 4. Aula 1.

BERTOMEU, JOÃO CEGATO. Corpo e movimento na escola. IN: BRASIL. Universidade Federal de São Paulo. Curso de aperfeiçoamento em Educação Infantil, Infâncias e Àrte. COMFOR. 2015. Módulo 4. Aula 2.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em: http//www.cedes.unicamp.br.